

Sobre a autonomia do método biográfico*

Franco Ferrarotti**

No início dos anos 50, tendo-me interessado pelas consequências humanas do desenvolvimento económico e da modernização tecnológica, comecei a recolha sistemática de dados biográficos no Sul de Itália¹.

Era minha intenção, ou antes, minha esperança, encontrar por meio deste tipo de pesquisa uma solução positiva para as inadequações da investigação sociológica organizada em torno de questionários rigidamente estruturados. Tinha a ideia, desde há algum tempo, que estes esforços de pesquisa, ainda que extremamente rigorosos do ponto de vista da metodologia formal, não haviam resolvido muitos problemas e questões que ainda permaneciam por explorar.

O que mais me impressionou, foi sobretudo o carácter sintético da narrativa autobiográfica. Mas estava ciente na altura do perigo literário inerente a este material; ou seja, o de interpretar uma biografia específica como um destino absoluto e irreduzível e, por isso, procurava conectar biografias individuais com as características globais de uma situação histórica precisa, datada e concreta. Neste contexto, as biografias individuais eram usadas para ilustrar a clivagem entre o mundo camponês e a sociedade tecnológica. Esta clivagem não se tratava somente de um conceito geral. Estava personificada, por assim dizer, em tipos específicos cujos detalhes eram fornecidos pelos materiais biográficos². Foi durante a pesquisa de terreno que me ocorreu a ideia da "sociologia como participação", gradualmente desenvolvida como abordagem metodológica alternativa e meta-mecanicista³. Mas é só em *Vite di Baraccati*⁴ que comecei a formular, uma crítica a Oscar Lewis e que finalmente concebi o estudo da biografia dos grupos primários "como a síntese e a "contração aorística" ("aoristic contraction") de uma dada situação histórica. E, então, certos princípios teóricos gerais tornaram-se-me claros, particularmente os seguintes:

"O observador está radicalmente implicado na sua pesquisa, ou seja, no campo do objecto da sua investigação. Este último, longe de ser passivo, modifica continuamente o seu comportamento de acordo com o observador. Este processo circular de *feed-back* torna ridícula qualquer presunção de conhecimento objectivo. O conhecimento não

* On the Autonomy of the Biographical Method in: Daniel Bertaux (ed.), *Biography and society - The Life History approach in the social sciences*, Londres e Beverly Hills, Sage, 1981. Tradução de Idalina Conde com a permissão da editora.

** Universidade de Roma

deve ter o "outro" por seu objecto; em vez disso, deveria ter por seu objecto a interacção inextricável e absolutamente recíproca entre observador e observado. Daqui advém um conhecimento mutuamente partilhado, enraizado na intersubjectividade da interacção, um conhecimento tanto mais profundo e objectivo quanto mais integral e intimamente subjectivo. O preço a pagar pelo observador para obter um conhecimento minucioso, mais claramente um conhecimento científico do seu objecto, será o de reciprocamente ser conhecido por este último. O conhecimento torna-se assim no que a metodologia sociológica sempre desejava evitar: um risco.

A especificidade do método biográfico implica ultrapassar o trabalho lógico-formal e o modelo mecanicista que caracteriza a epistemologia científica estabelecida. Se desejamos fazer uso sociológico do potencial heurístico da biografia sem trair as suas características essenciais (subjectividade, historicidade), devemos projectar-nos nós próprios para além do quadro da epistemologia clássica. Devemos procurar os fundamentos epistemológicos do método biográfico noutra lugar, na razão dialéctica capaz de compreender a práxis sintética e recíproca que governa a interacção entre o indivíduo e o sistema social. Devemos explorar estes fundamentos na construção de modelos heurísticos que não são nem mecanicistas, nem deterministas; modelos caracterizados por um permanente "feed-back" entre todos os elementos; modelos "antropomórficos"⁵ que não podem ser conceptualizados pelo tipo de razão analítica ou formal.

A razão dialéctica é pois uma razão histórica; ou seja, estranha a todo o ocasionalismo, capaz de uma abordagem não residual da especificidade - "a lógica específica do objecto específico" (Marx) - e capaz de contracção, reduzindo o concreto a uma actualização da construção teórica e de "descer do abstracto para o concreto" (Marx).

A razão dialéctica não pretende a hegemonia. Nada tem a ver com *Diamat* ou com o Engels da *Dialéctica da Natureza*. Aqui atribui-se um papel axiomático à lógica formal e aos modelos determinísticos das ciências da natureza. Reconhece-se a sua utilidade para as ciências do homem quando estas aspiram a ser ciências do geral. Contudo, quando a questão é evitar projectar a componente pessoal no reino do acaso ignorando-a e considerar a praxis humana, só a razão dialéctica permite a compreensão de um acto na sua totalidade, a reconstrução do processo que faz de um comportamento específico, a síntese activa de um sistema social. Só a razão dialéctica nos autoriza a interpretar a objectividade de um fragmento da história social, na base da subjectividade presente de uma história individual. Só a razão dialéctica nos dá acesso ao universal e ao geral (a sociedade), começando pela individualidade singular (um determinado homem).

A especificidade das biografias conduz ao questionamento da assimilação contenciosa de todas as ciências às ciências naturais. Se desejamos respeitar epistemologicamente a biografia, somos obrigados a admitir uma divisão lógica mais radical entre intencionalidade nomotética e intencionalidade ideográfica; uma divisão que implica o recurso a dois diferentes tipos de razão. A biografia repõe em acção o *Methodenstreit*. Representa assim uma oportuni-

dade única para abrir um debate alargado sobre a natureza lógica, epistemológica e metodológica dos fundamentos da sociologia; uma ocasião para renovar o pensamento sobre os fundamentos do social:

Um homem é um indivíduo; o melhor termo seria o de um universal singular; tendo sido totalizado, e assim universalizado pela sua época, ele retotaliza-a, reproduzindo-se a si mesmo como singularidade. Sendo, em princípio, universal através da universalidade singular da história humana, e singular pela singularidade universalizante dos seus projectos, este homem precisa ser estudado com ambas as perspectivas em simultâneo. E isto exige um método apropriado⁶.

As linhas gerais do método progressivo-regressivo de Sartre para a ciência social da biografia são bem conhecidas: uma leitura horizontal e vertical da biografia e do sistema social; um movimento heurístico de "ida e volta" da biografia para o sistema social, do sistema social para a biografia. A junção deste duplo movimento significa a reconstrução exaustiva das totalizações recíprocas que exprimem as relações dialécticas e mediadas entre uma sociedade e um indivíduo específico. O conhecimento integral de um torna-se assim o conhecimento integral do outro. O colectivo social e o singular universal iluminam-se reciprocamente. O esforço para interpretar a biografia em toda a sua unicidade, na base da VI Tese sobre Feuerbach, torna-se o esforço para interpretar o sistema social.

Tal como a difícil síntese entre as abordagens estrutural e histórica, esta metodologia não rejeita o contributo do conhecimento nomotético. Requer-o, mas só tendo em vista integrá-lo num movimento heurístico e em modelos hermenêuticos não lineares, o que apela para a razão dialéctica e não para a razão formal. Nesta revisão do método biográfico encontramos novamente as clássicas metodologias da sociologia. Todavia, elas não servem de "background"; são instrumentos indispensáveis mas, analíticos, permanecem marginais relativamente à síntese central que procura restaurar para nós, a unidade sintética do sistema social com a implicação recíproca e activa entre sociedade e praxis individual no seu ponto embrionário.

Esta metodologia não-analítica levanta-nos um conjunto de questões relevantes. Antes de mais, como se processa este duplo movimento entre os pólos individual e colectivo de qualquer campo social estruturado? Quais são as fases e os estádios que *medeiam* esses dois pólos, um face ao outro? Por meio de que mediação um indivíduo específico totaliza a sociedade e o sistema social se projecta ele próprio no indivíduo? Em segundo lugar, a perspectiva epistemológica do método biográfico, com as suas referências constantes à praxis individual, não implica uma concepção nominalista e atomística do social, visto como séries de interacções não relacionadas (o "social" de Tarde, Simmel, Von Wiese, Moreno e mesmo Sartre)? Em terceiro lugar, a nossa abordagem do método biográfico não cancelará qualquer possibilidade de uso prático? Se considerarmos *L'Idiot de la Famille* com as suas pesadas 2500 páginas, como modelo do correcto uso sociológico das biografias, não corremos o risco de

encontrar o silêncio entre os sociólogos, ou melhor, provocar-lhes um retorno ansioso às metodologias clássicas⁷?

São logicamente problemas heterogêneos, mas todos eles derivam do que Sartre chamou o "problema das mediações".

Que Valéry é um intelectual pequeno-burguês, está fora de dúvida. Mas todos os intelectuais pequeno-burgueses não são Valéry. A inadequação heurística do Marxismo - e, deixem-nos acrescentar, do método biográfico tradicional - está contida nestas duas proposições. Para compreender o processo que produz a pessoa e as suas produções, no interior de uma classe e sociedade, num determinado momento histórico, falta ao Marxismo - e o mesmo à sociologia - uma hierarquia de mediações... (Temos) de encontrar as mediações que dão gênese a um singular concreto, a uma vida, e à real luta histórica, fora das contradições gerais das forças produtivas e das relações de produção⁸.

Cada indivíduo não totaliza directamente a sociedade inteira, ele totaliza-a por meio do seu contexto social imediato, os pequenos grupos de que faz parte; nestes grupos são, por seu turno, agentes sociais activos que totalizam o seu contexto, etc. De modo similar, a sociedade totaliza cada individualidade específica por meio das instituições mediadoras que focalizam esta sociedade no indivíduo com crescente especificidade. A progressão simultânea e heurística da biografia para a sociedade e da sociedade para a biografia implica, consequentemente, uma teoria e uma tipologia das mediações sociais que constituem campos activos de totalizações recíprocas. Devemos estabelecer, como diz Sartre, a hierarquia dessas *regiões de mediação*. Devemos definir as suas funções e as respectivas modalidades de intervenção nos indivíduos que as edificam. Devemos também entendê-las a partir do seu "outro fim"; quer dizer, começar pela perspectiva dos indivíduos que, por sua vez, as sintetizam horizontalmente (o seu contexto social imediato, o contexto do seu contexto, etc.) e verticalmente (a sucessão cronológica do seu impacto nas diferentes regiões de mediação: a família, o grupo de pares das crianças e companheiros de escola, etc.). Devemos sobretudo identificar as regiões mais importantes, estas regiões que servem como articulações giratórias entre as estruturas e os indivíduos, os campos sociais nos quais a praxis dos homens auto-objectivada e o esforço universalizante do sistema social se encontram e se confrontam de modo mais directo. Quais são estas regiões?

No nível das relações de produção e no nível das estruturas sócio-políticas, as pessoas encontram-se condicionadas pelas suas relações humanas. Indubitavelmente, este condicionamento reflecte, no seu sentido primeiro e mais geral sentido, o "conflito das forças produtivas com as relações de produção". Mas nada disto é vivido de forma tão simples... A pessoa conhece a sua condição, mais ou menos claramente, a partir da sua pertença a vários grupos. A maior parte destes grupos são locais, delimitados, dados num *sentido imediato*.

Pode-se optar por responder: são os pequenos grupos primários famílias, grupos de pares, colegas de emprego, vizinhos, parceiros de escola ou os meus amigos, etc. Todos estes grupos participam ao mesmo tempo na dimensão psicológica dos membros que os constituem, e na dimensão estrutural do sistema social. Destruindo ou reestruturando o contexto, a praxis do grupo

media e retraduz activamente a totalidade social, nas suas microestruturas formais e informais, nas suas linhas de força e de comunicação, nas suas normas e sanções, nas suas modalidades e redes de interacções afectivas, etc. O grupo torna-se, por seu lado - e simultaneamente -, o objecto da praxis sintética dos seus membros. Cada um deles "lê" o grupo e dele faz uma interpretação particular segundo a sua própria perspectiva; cada um constrói um sentido de si na base da sua percepção do grupo de que é membro. O grupo primário revela-se assim como a mediação fundamental entre o social e o individual. Define-se como o campo onde coexistem, indissolivelmente, a totalização do seu contexto social e a totalização que cada membro individual faz daquele. Apresenta-se como uma zona suturada onde existe uma recíproca articulação e mútua diluição do público e do privado, das estruturas sociais e do eu, do social e do psicológico, do universal e do singular. É o domínio privilegiado daquele singular universal singular que encaramos como o protagonista do método biográfico - tal como o entendemos aqui.

Dentro do sistema de mediações que pontua a interconexão entre biografia e estrutura social, o grupo primário ocupa uma região giratória crucial. Mas se este é o seu papel, o sentido e a força heurísticamente saliente do grupo primário, por que não tomá-lo como o directo e principal protagonista do método biográfico? *Por que não substituir a biografia individual pela biografia do grupo primário, como unidade heurística básica de um renovado método biográfico?*

A ideia é menos estranha do que parece. Prevê, por exemplo, uma resposta para os dois problemas que apontámos previamente. Qualquer teoria dos fundamentos do social ou qualquer método sociológico que tenha por ponto de partida um dado átomo social (o indivíduo, a interacção elementar) tem, por necessidade, de resvalar no nominalismo, numa lógica atomística e na psicologia social. Muitas teorias da acção social falharam precisamente neste ponto (veja-se, por exemplo, os interessantes escritos de Raymond Aron sobre o nominalismo dissimulado na teoria weberiana da acção). Pelo contrário, sentimos que uma abordagem que se coloca resolutamente do lado da razão dialéctica evita estes perigos, mesmo se se baseia na praxis individual. O nominalismo sociológico torna-se inconcebível quando o conceito já não possui a natureza abstracta tão típica da lógica formal. Aliás, como poderiam os modelos não-lineares da interpretação social integrar a serialidade linear do atomismo sociológico? O que permanece é o perigo real do reduccionismo psicológico. Em qualquer caso, a decisão pelo grupo primário como unidade básica heurística, coloca-nos imediatamente fora de qualquer possibilidade de nominalismo, atomismo ou psicologismo. Mais, se usarmos um modelo interpretativo correcto, não se pode reduzir o grupo primário à rede das suas interacções elementares. Ele reenvia permanentemente para o que as precede e afirma-se a si próprio como uma totalidade social definida não pelo seu "sistema interno" (Homans, *The Human Group*), de relações psicossociológi-

cas, mas pelo sistema de estritas funções sociais com ancoragem no seu contexto.

No que diz respeito ao problema da operacionalidade da abordagem biográfica tal como é proposta neste contexto, se abandonando o indivíduo pelo grupo não se eliminam todas as dificuldades, estas são consideravelmente reduzidas. Tomando por ponto de partida o movimento heurístico de "ida e volta", o grupo permite a eliminação da fase mais complexa do método biográfico: a compreensão da totalização infinitamente rica do seu contexto que o indivíduo efectuou e efectua quando se exprime por meio das formas críticas da narrativa biográfica. O uso das biografias de grupos primários não necessita desta primeira fase. Coloca-nos imediatamente não no nível de um indivíduo numa dada situação - um nível dominado pela dimensão psicológica - mas sobretudo no nível imediatamente social, o do grupo. Reencontramos aqui o sentido do indivíduo de que Marx falava, "um conjunto de relações sociais". A inépcia da psicologia social e a sua indiferença face ao social deixa-nos sem modelos relacionais ou intrapsíquicos do indivíduo social. Sabemos mais sobre grupos. Mas, certamente que a recusa de modelos determinísticos e a noção de grupo como totalização activa do seu contexto, torna inútil e desconcertante grande parte do nosso conhecimento sobre o grupo. No entanto, temos também à nossa disposição modelos que podem ser repensados, informação que pode ser reconstruída, hipóteses que podem ser reintegradas no quadro de uma lógica e intencionalidade que são heurísticamente diferentes. Com os grupos, estamos basicamente no âmbito do social (um social que não exclui o individual) e não trabalhamos no vácuo de um domínio que ainda deverá ser esclarecido (o universal singular). Sabemos o que procuramos e como o fazer.

O método biográfico tem-se dirigido quase sempre para o indivíduo. A opção tem a banalidade de um truismo, ainda que isso dissimule um grande equívoco. O indivíduo, não é, como se acreditou frequentemente, um átomo social, a mais elementar das unidades sociológicas heurísticas. Simmel estava consciente disso, como revela o começo da sua *Sociology*¹⁰. Longe de ser o mais simples dos elementos sociais - o átomo irreduzível dos elementos sociais -, o indivíduo não é o fundador do social, mas antes um seu produto sofisticado. Paradoxalmente, a verdadeira unidade elementar do social é, na nossa opinião, o grupo primário: um sistema aparentemente complexo que constitui, na realidade, o objecto mais simples sob observação sociológica. Por comparação com aquele *Grundkörper* relativamente estável, medimos e identificamos toda a dinâmica e rica complexidade, flutuando entre totalizações múltiplas e contraditórias, que caracteriza as chamadas interacções "elementares" e "socialidade" no seu estado nascente. Por comparação com esse *Grundkörper*, retemos a síntese vertiginosamente densa e complexa que constitui o indivíduo do ponto de vista da sociologia.

Se aceitamos isto como protocolo básico do conhecimento sociológico¹¹, não deveria o grupo primário ser também o protocolo do método biográfico? Caso as nossas hipóteses de trabalho tenham algum valor, a renovação do

método biográfico necessitará de uma nova teoria da acção social. Esta teoria não deve ser baseada na acção de um ou mais agentes individuais, mas sobretudo na acção de uma totalidade social, o pequeno grupo, visto à luz dos modelos "antropomórficos" não mecanicistas.

A biografia do grupo primário levanta muitos novos problemas. Como se deve proceder para obter a biografia de um grupo? Trata-se de recolher ou justapor as perspectivas individuais que os membros têm do grupo e da sua história? Estas seriam talvez mais efectivas se interagindo com o grupo na sua totalidade? E mais: como se pode identificar a dialéctica da totalização que o grupo realiza no seu contexto, e as totalizações que efectua cada membro do grupo, por seu lado, tendo em conta aquela totalização? Por meio de que processos de mediação podemos habilitar-nos a integrar na nossa perspectiva sociológica modelos e técnicas fundamentais de observação desenvolvidas pela psicologia, psicanálise e terapia familiar e de grupo? Muito trabalho teórico está por fazer, o qual, possivelmente, nos permitirá um dia realizar a passagem do mais simples para o mais complexo, a passagem da biografia do grupo para a biografia do indivíduo.

Notas

- 1 Veja-se sobretudo *La Piccola Città*, Milão, Comunita, 1959 (nova edição em Nápoles, Liguori, 1975). Em 1949 realizei pesquisas também baseadas em biografias em Castellamonte, Piemonte. Veja-se também F. Ferrarotti, *Lineamenti di sociologia*, Turin, Arethusa, 1955 (edição revista de Liguori, Nápoles, 1975)
- 2 Veja-se, por exemplo, o meu *Trattato di Sociologia*, Turin, UTEI, 1969, p. 388-391.
- 3 F. Ferrarotti, *La sociologia como partecipazione*, Turin, Taylor, 1969.
- 4 F. Ferrarotti, *Vite di Baraccati*, Nápoles, Liguori, 1976.
- 5 R. Harre and P.F. Secord, *The explanation of Social behaviour*, Oxford, OUP, 1972 cap V.
- 6 Jean-Paul Sartre, *Questions de Méthode*, Paris, Gallimard, 1960
- 7 Jean-Paul Sartre, *L'Idiot de la Famille*, Paris, Gallimard, 1972 (estudo biográfico de Flaubert)
- 8 Jean-Paul Sartre, *Critique de le Raison Dialectique, Questions de Méthode*, Paris, Gallimard, 1960, pp.44-45
- 9 Jean-Paul Sartre, *Idem*, pp.49
- 10 G. Simmel, *Sociologie*, Leipzig, Dunker and Humblot, 1908
- 11 Par "protocolo sociológico" não nos referimos aqui aos mais elementares factos sociais (assim retornaríamos ao centro da lógica nominalista), mas, pelo contrário, à mais simples das categorias heurísticas de que a sociologia dispõe (o que exclui todas as ideias preconcebidas sobre a estrutura antológica do social).